

A GRAMATICALIZAÇÃO DA PARTÍCULA *LÁ*

Dalva Pereira Barreto de Araújo (UEFS)
daubarreto@yahoo.com.br

RESUMO

Com base na perspectiva da gramaticalização, este artigo tem como objetivo analisar a diversidade de usos da partícula *lá*. Esse item, cujo uso original e, portanto, mais lexical é o de advérbio de lugar, vem ganhando novos usos discursivo-pragmáticos e assumindo novas funções no ato discursivo. Na busca de uma teoria que relacione esses usos, vendo-os como pontos de uma trajetória de mudança, usou-se como suporte teórico o funcionalismo linguístico, na linha de Heine e Kuteva (2007), Traugott e Dasher (2005), Bybee (2010), entre outros. A base deste estudo foi o *corpus* da série “Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano”, integrante do projeto “A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano”. Buscou-se apresentar os contextos em que a partícula *lá* mostra sinais de gramaticalização e as funções que ela assume no ato discursivo. Além disso, sugere-se que o item *lá*, em alguns contextos, também apresenta uso em discursivização.

Palavras-chave: Partícula *lá*. Gramaticalização. Funcionalismo linguístico.

1. Introdução

Muitos estudos, desde o século XIX, tentam explicar como se originam e se desenvolvem as categorias gramaticais. Para tanto, a língua não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões provenientes de diversas situações comunicativas, que colaboram para determinar sua estrutura gramatical. Numa visão mais funcionalista, as mudanças acontecem pela regularização dos usos da língua, a partir da criação de expressões novas e de rearranjos vocabulares realizados pelo falante para satisfazer suas necessidades comunicativas.

A repetição de uma construção ou forma se fixa, tornando-se normal e regular, ou seja, se gramaticaliza. A regularidade acontece

quando as estratégias discursivas utilizadas pelo falante no ato comunicativo deixam de ser criatividade discursiva eventual e passam a ser delimitadas por restrições gramaticais.

No português atual, observando os contextos reais de comunicação oral, observa-se que o elemento *lá*, tradicionalmente classificado como advérbio de lugar, nem sempre está com o seu valor dêitico tão claro, nem tão exclusivo. Em algumas situações não há relação explícita com esse valor espacial original. Isso acontece porque os usos do elemento *lá* estão envolvidos em processos de gramaticalização. Esse fenômeno se constitui em um processo pelo qual um item lexical passa a assumir funções diferentes da sua original, tais como a de organização interna do discurso e de estratégias comunicativas.

Com base nessa linha de pensamento, pretende-se, nesse trabalho, investigar a diversidade de usos da partícula *lá*, as novas funções por ela assumidas dentro dos diversos contextos e seu processo de gramaticalização. Para tanto, é realizado um estudo da partícula *lá*, desde o latim, é analisada a abordagem dada a esse item nos dicionários e gramáticas tradicionais e investigados a diversidade de usos encontrada, os contextos de sua realização e as novas funções adquiridas pela partícula no nível pragmático-discursivo.

A base do *corpus* é o da série “Amstras da Língua Falada no Semiárido Baiano”, integrante do projeto “A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano”, desenvolvido pela Universidade Estadual de Feira de Santana, que tem como objetivo contribuir para o conhecimento da realidade linguística brasileira, especificamente sobre a língua falada em áreas rurais do semiárido baiano.

2. A partícula *lá* nas gramáticas tradicionais

Os falantes de uma língua conhecem e usam milhares de palavras que aprenderam e classificam de acordo com a gramática normativa, isto é, aquela que prescreve as normas do bem falar e escrever, conforme ainda é concebida e ensinada nos dias de hoje e que continua a manter os mesmos objetivos que a acompanham desde o seu surgimento, voltada para a modalidade escrita culta da língua.

Segundo Bueno (1968), o elemento *lá* é proveniente do latim *il-lac*, que significa “naquele lugar”, e indica objeto ou pessoa distante simultaneamente de quem fala e do interlocutor.

Tradicionalmente, a partícula *lá* é classificada como advérbio de lugar, que localiza pontos no espaço em relação à localização dos participantes do ato comunicativo.

Os gramáticos da linha tradicional baseiam-se no critério funcional e semântico, conferindo maior destaque ao último. Listam as circunstâncias que os advérbios expressam e, em seguida, explicitam o papel modificador que desempenham, usando o critério funcional. Para esses gramáticos, o pronome adverbial locativo *lá* é considerado como advérbio de lugar. Apesar dessa abordagem, os advérbios apresentam uma classificação controvertida que contempla poucas de suas possibilidades de ocorrências.

Bechara (1982) classifica a partícula *lá* como advérbio pronominal, pois pela sua origem e significação, associa-se a pronomes demonstrativos. Ainda observa que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe o denotador expletivo *lá* à parte, sem nome especial, citando como exemplo a expressão “eu sei lá”.

Sacconi (1986) afirma que, quando se deseja dar realce ao advérbio, usa-se a partícula *lá* no início da oração e apresenta expressões como: *lá de dentro*, *lá de fora*, *lá de baixo*, *lá de cima* como locuções adverbiais.

Cunha e Cintra (1985), que são mais descritivos, apresentam em suas figuras de sintaxe um exemplo de pleonasma (Ex.: Sai *lá* pra fora, João). Na transposição do discurso direto para o indireto, os autores apresentam um exemplo com o advérbio de lugar *lá*. Na sintaxe, *lá* pode vir como adjunto adverbial ou como locução ou expressão adverbial, que também atua como reforçador do pronome demonstrativo, quando por motivo de clareza ou de ênfase.

Cunha e Cintra (1985), Tufano (1995), Pasquale e Ulisses (1997) e Nicola (1997) seguem a NGB, que afirma que certas palavras como *lá*, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter classificação à parte, mas sem nome especial.

3. *O lá na perspectiva linguística*

A fonte de pesquisa dos estudos funcionalistas é a língua em uso, na qual se comprova a fluidez que lhe é característica. Diante dessa fluidez e da impossibilidade de tratar os constituintes em categorias discre-

tas, o funcionalismo utiliza a noção de *continuum* ou contínuo. Dessa forma não se estuda a língua num sistema fechado, acabado, em categorias que são facilmente determinadas. Busca-se então identificar o ponto do contínuo em que o item ou construção se encontra, a partir de um conjunto de propriedades. Por isso, Givón (1995) tem como ponto fundamental de sua proposta demonstrar que as relações gramaticais não são formadoras de categorias discretas, uma vez que retratam indeterminação e gradação.

As principais mudanças ocorridas na utilização da partícula *lá* são semânticas e são resultantes de um processo de gramaticalização que segue a trajetória espaço > tempo > texto, típica dos dêiticos em geral. O locativo *lá*, em sua acepção mais concreta, representa um lugar distante simultaneamente do falante e do destinatário. Porém, nos novos usos encontrados, sofre um processo de abstratização e seu traço de imprecisão incorpora um sentido mais distante: nem tão claro, nem tão exclusivo.

Segundo Givón (1995), a classe dos pronomes locativos é a menos homogênea entre as demais do nível gramatical, tanto do ponto de vista semântico como do morfossintático.

Em perspectivas linguísticas da norma brasileira (ILARI et al., 1990; NEVES, 1992, 2000; CASTILHO, 1993), a categoria adverbial é caracterizada como uma classe pouco nítida, de contornos difusos, integrada por membros distintos, incapazes de compartilhar um conjunto de traços comuns. Diante dos pronomes locativos, tal imprecisão categorial se verifica de forma acentuada, uma vez que integram um grupo marginal de uma classe imprecisa. Segundo Ilari et al. (1990), os locativos são classificados como itens não predicativos ou, segundo Neves (2000), não modificadores, pois tendem a não alterar ou modificar o significado do constituinte verbal. Portanto os locativos compreendem um tipo de advérbio mais livre, mais autônomo.

Acerca da natureza pronominal dos locativos, outra questão que ressalta sua especificidade em relação aos demais advérbios é a foricidade de determinados usos. Por se tratar de proformas, que, geralmente, têm o papel suplementar de elemento coesivo na progressão informacional, atuam anaforicamente ou cataforicamente.

Segundo Marcuschi (1983), os mecanismos de uma língua permitem estabelecer entre os elementos linguísticos do texto relações de sentido e constituem mecanismo de coesão referencial, pois um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo

textual. A remissão pode ser feita para trás – referência anafórica –, para a frente – referência catafórica – e pode ser efetuada por meio de recursos de ordem gramatical, como, por exemplo, o advérbio pronominal *lá*, o qual Koch (1989) chama de forma remissiva.

Halliday e Hasan (1983) citam a referência como um dos principais fatores de coesão. Essa referência pode ser demonstrativa, realizada por meio de pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar, como, por exemplo, com a partícula *lá*.

De acordo com Heine et alii (1991), a metáfora espaço > tempo > texto é usada para representar os elementos mais básicos e mais concretos da escala de gramaticalização, a qual se evidencia quando o *lá* dêitico passa a fazer analogicamente alusão a dados já mencionados ou a mencionar no texto, assumindo valores anafóricos e catafóricos.

Segundo Koch (1997), *lá* é uma das formas remissivas, faz remissão a grupos nominais dotados, via de regra, do traço semântico. O seu valor dêitico espacial é o ponto de partida de uma gramaticalização espaço > tempo > texto, que caracteriza o surgimento de operadores argumentativos a partir de circunstanciadores. Esse tipo de mudança por gramaticalização pressupõe que o elemento *lá* com valor espacial passa a assumir valores temporais.

De acordo com Balocco e Dorigo (1995), existe um uso com valor modal na partícula *lá*, em que sua noção espacial original se abstratiza, associando-se à noção de modalidade. Esse uso modalizador gera um outro, uso que esses autores chamam de *lá* no sintagma nominal, assumindo um posicionamento mais fixo.

A esse respeito, Oliveira (2009, p. 12) menciona “da expressão dêitica, localista, externa, esses advérbios podem encarregar-se de sentidos menos concretos, e em plano textual, atuar na articulação de referência endofórica, em função anafórica, mais comumente, ou catafórica”. Oliveira (2009), citando o processo de gramaticalização estabelecido por Heine e Kuteva (2006) e Haspelmath (2004), observa que “a partir desses papéis textuais, alguns advérbios em avançado estágio de polissemia migram para outras classes, como a dos conectores ou operadores, ou ainda a dos especificadores ou clíticos”.

4. As trajetórias de gramaticalização referentes à partícula *lá*

No português atual, observando os contextos reais de comunicação oral, percebemos que o valor dêitico espacial da partícula *lá*, de apontar o local sem nomeá-lo, nem sempre é tão claro, nem tão exclusivo. Em certas situações, não fazemos associação explícita com esse valor espacial original. Esse fato ocorre porque os usos do elemento *lá* estão envolvidos em processos de gramaticalização, de acordo com o que está proposto em Hopper e Traugott (1993), ou de discursivização, segundo Vincent, Votre e Laforest (1993).

Tradicionalmente, o elemento *lá* é visto como advérbio de lugar e, juntamente com outros indicadores espaciais, expressa pontos no espaço em relação à localização dos participantes do ato de comunicação.

A análise realizada neste trabalho sobre os usos de *lá* parte do princípio de que o seu valor dêitico espacial é o ponto de partida de uma gramaticalização espaço > tempo > texto, que, de acordo com Heine et al. (1991), caracteriza o surgimento de operadores argumentativos a partir de circunstanciadores. Com esse processo, o elemento vai perdendo o seu valor semântico de indicador espacial para assumir novas funções de cunho gramatical. Esse tipo de mudança por gramaticalização pressupõe que um determinado elemento com valor espacial passa a assumir valores temporais e, progressiva e simultaneamente, valores textuais, ou segue diretamente do espaço para o texto, passando a organizar argumentos e/ou a assumir funções interativas, referentes, por exemplo, a estratégias comunicativas.

Segundo Martelotta (1996), existem duas trajetórias distintas que, partindo do valor dêitico espacial de *lá*, geram diferentes usos da partícula. Uma leva a partícula a assumir funções anafóricas e catafóricas, que, por sua vez, geram valores temporais e inferíveis. Outra faz com que a partícula assuma uma nova função modalizadora, que funciona como uma marca de afastamento ou desinteresse do falante em relação ao que fala. Com a continuidade do processo de mudança, essa função modalizadora, por um lado, gera um uso em que o *lá* penetra no sintagma nominal, assumindo uma função de elemento indefinido, e, por outro, se discursiviza em alguns contextos em que a expressão *sei lá* funciona como elemento que participa da organização do fluxo linear das informações do discurso oral.

5. *Análise do corpus*

A base do estudo realizado neste trabalho foi o *corpus* “Amstras da Língua Falada no Semiárido Baiano”, integrante do projeto “A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano”, realizado pela UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. Dele, foram analisadas as entrevistas realizadas com moradores do povoado de Matinha e arredores, zona rural de Feira de Santana.

De acordo com Heine et al. (1991, p. 179), a metáfora espaço > discurso é usada para organizar analogicamente o universo discursivo em termos de referenciais externos, que representam, nesses casos, os elementos mais básicos e mais concretos da escala de gramaticalização. Dessa forma, é comum os dêiticos espaciais serem usados para indicar pontos do texto já mencionados (anáfora) ou ainda por mencionar (catáfora).

Na análise das entrevistas encontramos as seguintes ocorrências com a partícula *lá*:

- 1- **Fui morar com minha tia, olhar os filho dela, depois eu me empreguei lá, gostei e fiquei.**

Na ocorrência acima, o elemento *lá* faz alusão dêitica a algo do mundo real, que está longe do falante. O processo de gramaticalização ocorre quando o *lá* dêitico, por um processo de metáfora espaço > discurso, passa analogicamente a fazer alusão a dados já mencionados no texto ou por mencionar, assumindo valores anafóricos e catafóricos, como encontrado nas ocorrências abaixo:

- 2- **Ela nasceu com bronquiopneumonia, aí ela tinha crise todos os dia. Às veze eu levava duas veze no dia. Quando eu chegava lá tomava remédio ficava boa, depois que chegava aqui piorava tinha que voltar de novo, as veze eu tinha que voltar duas veze.**
- 3- **Ele ficou lá no chão pedino socorro...**

Nas ocorrências 2 e 3, o elemento *lá* refere-se, respectivamente, ao local mencionado (anáfora) e ainda por mencionar (catáfora). Conforme designação de Martelotta e Rêgo (1996), está sendo chamado de espacial pleno o uso em que o elemento *lá* faz menção anafórica ou catafórica a elementos espaciais detectáveis no texto, ao contrário de espacial inferível, em que o elemento *lá* refere-se anafórica ou cataforicamente a lugares que não são explicitamente mencionados no texto, mas que podem ser inferidos pelo contexto, como acontece na ocorrência descrita a seguir:

- 4- **Rapaz, a morte pra mim, eu acho que só tem que morrer mehmo quando chega o dia, que Deus tá marcado, Deus tem o nome lá de todo mundo.**

Nessa ocorrência, o informante, ao falar sobre a sua concepção de morte, diz que Deus tem o nome de todo mundo onde Ele está. Em nenhum momento o informante mencionou o nome do local, provavelmente o céu, mas que é facilmente inferível pelo contexto. Não se trata de um uso espacial pleno e sim espacial inferível.

Nota-se que nos casos de *lá* classificados como espacial pleno catafórico, a partícula funciona como um elemento enfático, destacando o local mencionado. Esse uso da partícula *lá* introduz uma informação nova, que sempre aparece depois dela, ao contrário do anafórico, que se refere a algo já mencionado. Esse tipo de uso foi encontrado na ocorrência abaixo:

- 5- **É a mehma regra, é a mehma regra do jogo, só que diferença porque na quadra a gente mehmo marca assim. Quer dizer, no modo de falar: “na boca” e lá no campo grande marca mais no apito, tem juiz e na quadra não, quando brinca aqui tem juiz não, o juiz é a gente mehmo, quem sofrer, marca.**

Nessa ocorrência, o elemento *lá* introduz uma informação mais precisa sobre o local em que o jogo aconteceu, é uma informação nova ou ainda não mencionada.

Conforme demonstrado pelas ocorrências acima, o *lá* pode assumir função textual (anafórica e catafórica) e, em alguns contextos, pode fazer alusão a dados temporais já mencionados ou por mencionar, como se pode notar nos exemplos abaixo:

Ex.: 1- Eles vão pra escola *lá*... *lá* pras sete horas. (exemplo nosso)

2- Pedro morou aqui de 1990 a 2000, de *lá* pra cá nunca mais voltou. (exemplo nosso)

Embora não tenha encontrado ocorrências do tipo dos exemplos 1 e 2 no *corpus* analisado, observando o exemplo 1, percebe-se que em “*lá* pras sete horas” o elemento *lá* alude cataforicamente à informação temporal mencionada em seguida (sete horas), indicando uma ideia de proximidade em relação a esse ponto no tempo. O exemplo 2 mostra um uso possível do elemento *lá*, formando, nesse contexto, a expressão “de *lá* pra cá”. Neste caso, há uma referência a um ponto no tempo mencionado anteriormente (o ano 2000), constituindo, portanto, um exemplo de anáfora.

Esse uso temporal surge como um processo de mudança que Traugott e König (1991) chamam pressão de informatividade. Esse processo ocorre quando, por convencionalização de implicaturas conversacionais, um termo assume um novo sentido motivado pelo contexto em que aparece. A partícula *lá* nesses contextos se torna temporal em consequência do fato de que faz alusão anafórica/catafórica a elementos que apresentam valor temporal.

Segundo Balocco e Dorigo (1995), existe um uso com valor modal da partícula *lá*, em que a sua noção espacial original se abstratiza, associando-se à noção de modalidade. Assim, pode-se encontrar uma outra trajetória de gramaticalização para os usos da partícula *lá*, quando, por meio de um mecanismo de mudança chamado de metáfora distância espacial > distância emocional, conforme Martelotta e Rêgo (1996), gera um uso modalizador de *lá*. Esse uso modalizador, por sua vez, gera dois usos distintos: o *lá* no sintagma nominal e a forma *sei lá*, em fase de discursivização. As ocorrências a seguir demonstram esses usos:

6- **Por que, *sei lá*, eu achava qu'ela fazia mal, mas só qu'ela não era uma pessoa mau, no interior dela ela não era má.**

7- **Eu *lá* quero saber de estudar.**

Nessas ocorrências, o *lá* funciona como marcador de distância entre o falante e o conteúdo de sua fala, podendo ser interpretado como um elemento de negação. O *lá* assume uma função de modalizador, no sentido de que expressa um afastamento ou desinteresse do falante em relação ao assunto em discussão. É esse afastamento que dá a ideia de negação. Em Martelotta e Rêgo (1996), encontra-se que esse uso modalizador de *lá*, na continuidade do processo de mudança, gera um outro uso chamado de *lá* no sintagma nominal. Nesse outro uso, o item penetra no sintagma nominal, adquirindo um posicionamento mais fixo. Dessa forma, o falante utiliza a partícula *lá* para caracterizar o substantivo como algo que existe, mas a respeito do qual não quer, não pode ou não considera relevante fazer comentários. Vejamos esse tipo de uso na ocorrência abaixo:

8- **Morava de aluguel c'um meu tio. Trabaei tombém num restaurante *lá* c'um ele.**

Analisando essa ocorrência, percebe-se que o informante não sabe, não lembra ou não quer dizer o nome do restaurante referido na narrativa, por causa do trecho “Trabaei tombém num restaurante *lá* c'um ele”. O *lá*, referindo-se ao substantivo restaurante, passa a noção de falta de

importância em fazer maiores comentários acerca do substantivo mencionado.

O item *lá*, nesse caso, está dentro do sintagma nominal, exercendo a função de elemento caracterizador do substantivo.

Em paralelo a essa trajetória mencionada, existe outra em que o *lá* modalizador se discursiviza, quando acompanhado do verbo *saber* no presente do indicativo, na terceira pessoa do singular. Além do seu valor modalizador original, que denota insegurança ou incerteza do falante em relação ao que fala, o *sei lá*, em determinados contextos, exerce a função de reestruturar o discurso, quando sua linearidade é rapidamente interrompida, ou de preenchedor de pausa. Nesses contextos, o *sei lá* é utilizado para viabilizar o processamento da fala, pois seu uso está mais para organizar a linearidade do discurso do que da estrutura significativa da cláusula.

Segundo o que propõem Vincent, Votre e Laforest (1993), há nesse uso da forma *sei lá* um processo de discursivização. Há nesta expressão a predisposição em perder restrições gramaticais e assumir restrições de caráter pragmático e interativo, exercendo a função de um elemento que facilita o processamento do discurso, indicando hesitações, inseguranças do falante em relação ao que diz e pausas para elaborar o pensamento. Esse uso pode ser observado na ocorrência abaixo:

- 9- Acho que já tem três ou é quatro, *sei lá*. Já perdia a conta desse negócio já, faz muito tempo, ôh. [estrala s dedos]. Já perdi da conta e não quero nem lembrar da conta mais.

Nessa ocorrência, a expressão *sei lá* assume uma função pragmática típica de marcador discursivo, pois indica uma hesitação e é usada pelo falante para, sem perder o turno da fala, ganhar tempo, enquanto procura as palavras adequadas para expressar as suas ideias.

Constitui-se em um processo metonímico, pois não envolve apenas o item *lá* mas também o verbo *saber*, assim como ocorre, por exemplo, com o uso *vai lá* ou *vá lá*. Não foram encontradas ocorrências com os usos de *vá lá* ou *vai lá* no *corpus* analisado, mas esses usos podem ser observados nos exemplos abaixo:

- 10- *Vá lá* que ele precise sair cedo, mas agora não. (Exemplo meu)

- 11- Vestir aquela roupa ainda *vai lá*, mas suja, é demais. (Exemplo meu)

No exemplo 3, presume-se que a expressão *vá lá* indica um convite do falante para que o interlocutor analise (*vá lá*) a situação narrada por

ele, ou acompanhe o raciocínio do falante. No exemplo 4, a expressão *vai lá* expressa a ideia de um limite em que uma determinada situação seja aceitável (*vai lá*). Nesses contextos, o sentido do item *lá* é muito abstrato, e parece tratar-se mais de um caso de metáfora envolvendo o verbo do que propriamente o *lá*, segundo Martelotta e Rêgo (1996).

6. Considerações finais

A realização deste trabalho o possibilitou identificar os novos usos assumidos pela partícula *lá* no *corpus* analisado. Permitiu também perceber duas possíveis trajetórias de mudança para a partícula *lá*. A primeira trajetória constitui um processo de gramaticalização via metáfora espaço > discurso, que leva o elemento a assumir funções anafóricas e catafóricas e, em seguida, por pressão de informatividade, assume os valores temporal e inferível. A outra trajetória, envolve uma metáfora que pode se caracterizar como distância espacial > distância emocional, levando o elemento a assumir a função de modalizador, que, em seguida, assume duas trajetórias de mudanças diferentes: em uma se dá um processo de discursivização na expressão *sei lá*; em outra, a partícula penetra no sintagma nominal, assumindo a função de marcar uma intenção de indefinir o substantivo ao qual se refere.

Dessa forma, conclui-se que o elemento *lá* segue inicialmente dois processos distintos de gramaticalização. Um caracteriza-se pela trajetória espaço > (tempo) > texto, proposta por Heine et al. (1991). Percebe-se que esse item, ao se gramaticalizar, sai do espaço e vai diretamente para o texto, e é no texto que esse elemento passa a assumir funções anafóricas e catafóricas, tendendo estas a inserir informações novas. A partir daí, ele irá também apresentar valores temporais e aqueles que se convencionou chamar de valores inferíveis, ambos decorrentes da continuação do processo de gramaticalização. Outra trajetória leva o elemento a assumir uma função modalizadora e, no decorrer do processo, a ligar-se ao sintagma nominal, ou a assumir funções típicas da discursivização, como acontece na forma *sei lá*, que reorganiza o discurso, marcando uma pausa, para que seja retomada a linearidade do fluxo das informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALOCCO, Ana Elizabeth; DORIGO, Carmen Teresa. *Algumas considerações sobre a gramaticalização de lá, bem e ir*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 27. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1982.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, A. (Org.). *Gramática do português falado*, vol. III: as abordagens. Campinas: UNICAMP, 1993, p. 119-147.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1995.

HALLIDAY, Michael Arnold K. *An introduction to a functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

_____; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. 5 ed. London: Longman, 1983.

HASPELMATH, Martin. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. In: FISCHER, Olga et al. (Org.). *Up and down the cline: the nature of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004, p. 17-44.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization*. A conceptual framework. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

_____; KUTEVA, Tania. *The changing languages of Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira. *Gramática do português falado*, vol. I: a ordem. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1990.

KOCH, Ingedore V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARTELOTTA, Mário; RÊGO, Lana. Gramaticalização de “lá”. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 237-250.

NEVES, M. H. M. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*, vol. II: Níveis de análise linguística. Campinas: Unicamp, 1992, p. 261-296.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NICOLA, José de Infante. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 15. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, M. R. Pronomes adverbiais locativos em cartas do português: trajetória, ordenação e função. *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 17, n. 1. Belo Horizonte: Fale, 2009, p. 179-208.

PASQUALE; ULISSES. *Gramática da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1986.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE. 5. ed. *Approaches to grammaticalization*, vol 1: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1991.

TUFANO, Douglas. *Estudos da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1995.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. Grammaticalisation et postgrammaticalisation. *Langues et Linguistique*. Québec: Université Laval, n. 19, 1993.